

# STANISLAW PONTE PRETA

## Dois amigos e um chato

MANUAL DO  
PROFESSOR





**MODERNA**

MANUAL DO  
PROFESSOR

# STANISLAW PONTE PRETA

## Dois amigos e um chato

3ª edição

 MODERNA

© STANISLAW PONTE PRETA, 2020  
SÉRGIO MARCOS RANGEL PORTO (SÉRGIO PORTO)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maristela Petrili de Almeida Leite  
EDIÇÃO DE TEXTO Carolina Leite de Souza, Marília Mendes  
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA Dalva Fumiko  
COORDENAÇÃO DE REVISÃO Elaine Cristina del Nero  
REVISÃO Lílian Semenichin, Luciana Garcia, Sandra Garcia Cortés  
COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DE ARTE Camila Fiorenza  
PROJETO GRÁFICO Camila Fiorenza  
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Gilmar  
DIAGRAMAÇÃO Cristina Uetake, Elisa Nogueira  
PRÉ-IMPRESSÃO Vitória Sousa  
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL Arlete Bacic de Araújo Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Preta, Stanislaw Ponte  
Dois amigos e um chato : manual do professor /  
Stanislaw Ponte Preta. — 3. ed. — São Paulo :  
Editora Moderna, 2020.

ISBN 978-65-5779-526-2

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Título.

20-46091

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

*Todos os direitos reservados*



**EDITORA MODERNA LTDA.**  
Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904  
Vendas e Atendimento: Tel. (11) 2790-1300  
www.modernaliteratura.com.br  
2020

DE ACORDO COM AS  
NORMAS  
ORTOGRAFICAS



**MODERNA**

# Sumário

1. Pedro — o homem da flor, 7
2. Caixinha de música, 11
3. O homem ao lado, 16
4. A nós o coração suplementar, 20
5. Dois amigos e um chato, 23
6. A vontade do falecido, 26
7. Testemunha tranquila, 30
8. O leitão de Santo Antônio, 33
9. Testemunha ocular, 37
10. Cara ou coroa, 42
11. Brasil, 2063, 47
12. Inferno nacional, 51
13. Do teatro de Mirinho (a burocracia do buraco), 54
14. Repórter policial, 60
15. A velha contrabandista, 65
16. A garota-propaganda, coitadinha!, 68
17. O milagre, 72
18. Latricério (com o perdão da palavra), 76
19. O menino que chupou a bala errada, 80
20. O boateiro, 82
21. Ladrões estilistas, 84

22. Prova falsa, 88
23. Panaceia indígena, 91
24. O suicídio de Rosamundo, 93
25. Zezinho e o Coronel, 96
26. O sabiá do Almirante, 101
27. Um quadro, 104
28. Fábula dos dois leões, 108
29. Conto de mistério, 111
30. Divisão, 114
31. Garoto linha-dura, 117
32. A ignorância ao alcance de todos, 120
33. O psicanalisado, 124
34. À beira-mar, 126
35. Levantadores de copo, 129
36. Vamos acabar com esta folga, 132
37. “Vai descer?!”, 134
38. Cartãozinho de Natal, 137
39. Ano-Bom, 142

Autor e obra, 147

Paratexto: Para saber mais, 149



**MODERNA**



## Pedro — o homem da flor

**S**e você se enquadra entre aqueles que se dizem boêmios ou, pelo menos, entre aqueles que costumam ir, de vez em quando, a um desses muitos barzinhos elegantes de Copacabana, é provável que já tenha visto alguma vez Pedro — o homem da flor. Se, ao contrário, você é de dormir cedo, então não. Então você nunca viu Pedro — o homem da flor — porque jamais ele circulou de dia a não ser lá, na sua favela do Esqueleto.

Quando anoitece Pedro pega a sua clássica cestinha, enche de flores, cujas hastes teve o cuidado de enrolar em papel prateado, e sai do barraco rumo a Copacabana, onde fica até alta madrugada, entrando nos bares — em todos os bares, porque Pedro conhece todos — vendendo rosas. Quando a cesta fica vazia, Pedro conta a fêria e vai comer qualquer coisa no botequim mais próximo. Depois volta para casa como qualquer funcionário público que tivesse cumprido zelosamente sua tarefa, na repartição a que serve.

Conversei uma vez com Pedro — o homem da flor. Já o vinha observando quando era o caso de estar num bar em que ele entrava. Via-o chegar e dirigir-se às mesas em que havia um casal. Pedia licença e estendia a cesta sobre a mesa. Psicologia aplicada, dirão vocês, pois qual o homem que se nega a oferecer uma flor à moça que o acompanha, quando se lhe apresenta a oportunidade? Sim, talvez Pedro seja um bom psicólogo, mas, mais do que isso, é um romântico. Quando o homem mete a mão no bolso e pergunta quanto custa a flor, depois de ofertá-la à companheira, Pedro responde com um sorriso:

— Dá o que o senhor quiser, moço. Flor não tem preço.

Como eu ia dizendo, conversei uma vez com Pedro e, desse dia em diante, temos conversado muitas vezes.

Ele sabe de coisas. Sabe, por exemplo, que a rosa branca encanta as mulheres morenas, enquanto que as louras, invariavelmente, preferem rosas vermelhas. Fiel às suas observações, é incapaz de oferecer rosas brancas às mulheres louras, ou vice-versa. Se entra num bar e as flores de sua cesta são todas de uma só cor, não coincidindo com o gosto comum às mulheres presentes, nem chega a oferecer sua mercadoria. Vira as costas e sai em demanda de outro bar, onde estejam mulheres louras, ou morenas, se for o caso.

O pequeno buquê de violetas — quando as há — é carinhosamente arrumado pelas suas mãos grossas de operário, assim como também as hastes prateadas das rosas. Saibam todos os que se fizeram fregueses de Pedro — o homem da flor — que aquele papel prateado artisticamente preso na haste das rosas e que tanto encanta as moças foi antes um prosaico papel de maços de cigarros vazios, que o próprio Pedro recolheu por aí, nas suas andanças pela madrugada.

Sei que Pedro ama a sua profissão, tira dela o seu sustento, mas acima de tudo esforça-se por dignificá-la. Não vê que seria um mero mercador de flores! Lembrome da vez em que, entrando pelo escuro do bar, trouxe nas mãos a última rosa branca para a moça morena que bebia calada entre dois homens. Quando os três levantaram a cabeça ante a sua presença, pudemos notar —


eu, ele e as demais pessoas presentes — que a moça era linda, de uma beleza comovente, suave, mas impressionante. Pedro estendeu-lhe a rosa sem dizer uma palavra e, quando um dos rapazes quis pagar-lhe, respondeu que absolutamente não era nada. Dava-se por muito feliz por ter tido a oportunidade de oferecer aquela flor à moça que ali estava. E sem ousar olhar novamente para ela, disse:

— Mais flores daria se mais flores eu tivesse!

Assim é Pedro — o homem da flor. Discreto, sorridente e amável, mesmo na sua pobreza. Vende flores quase sempre e oferece flores quando se emociona. Foi o que aconteceu na noite em que, mal chegado a Copacabana, viu o povo que rodeava o corpo do homem morto, vítima de um mal súbito. Só depois é que se soube que Pedro o conhecia do tempo em que era porteiro de um bar no Lido. Na hora não. Na hora ninguém compreendeu, embora todos se comovessem com seu gesto, ali abaixado a colocar todas as suas flores sobre as mãos do homem morto. Pois foi o que Pedro fez, voltando em seguida para a sua favela do Esqueleto.

Naquela noite não trabalhou.

# Caixinha de música



**Q**ue Deus perdoe a todos aqueles que cometem a injustiça de achar que são fantasiosas as histórias que a gente escreve; que Deus os perdoe porque são absolutamente verídicos os momentos vividos pelo vosso humilde cronista e que aqui vão relatados.

Foi há dias, pela manhã, que fui surpreendido pelo pedido da garotinha: queria que eu trouxesse uma nova bonequinha com música. Bonequinha com música — fica desde já esclarecido — são essas caixinhas de música com uma bailarina de matéria plástica rodopiando por cima. É um brinquedo caríssimo e que as crianças estrçalham logo, com uma ferocidade de *center-forward*.

Como a garotinha está com coqueluche, achei que seria justo fazer-lhe a vontade, mesmo porque este é o primeiro pedido sério que ela me faz, se excetuarmos os constantes apelos de pirulitos e kibons.

Assim, logo que deixei a redação, às cinco da tarde, tratei de espiar as vitrinas das lojas de brinquedos, em busca de uma caixinha de música mais em conta. E nessa peregrinação andei mais de uma hora, sem me decidir por esta ou aquela, já adivinhando o preço de cada uma, até que, vencido pelo cansaço, entrei numa casa que me pareceu mais modestinha.

Puro engano. O que havia de mais barato no gênero custava oitocentos cruzeiros, restando-me apenas remotas possibilidades de êxito, num pedido de desconto. Mesmo assim tentei. Disse que era um absurdo, que um brinquedo tão frágil devia custar a metade, usei enfim de todos os argumentos cabíveis, sem conseguir o abatimento de um centavo.

Depois foi a vez do caixeiro. Profissional consciencioso, foi-lhe fácil falar muito mais do que eu.

— O doutor compreende. Isto é uma pequena obra de arte e o preço mal paga o trabalho do artista. Veja que beleza de linhas, que sonoridade de música. E a mulherzinha que dança, doutor, é uma gracinha.

Pensei cá comigo que, realmente, as perninhas eram razoáveis, mas já ia dizer-lhe que existem mulheres verdadeiras por preço muito mais acessível, quando ele terminou a sua exposição com uma taxativa recusa:

— Sinto muito, doutor, mas não pode ser.

E eu, num gesto heroico, muito superior às minhas reais possibilidades, falei, num tom enérgico:

— Embrulhe!

Devidamente empacotada a caixinha de música, botei-a debaixo do braço, paguei com o dinheiro que no dia seguinte seria do dentista e saí à cata de condução. Dobrei a esquina e parei na beira da calçada, no bolo de gente que esperava o sinal “abrir” para atravessar. Foi quando a caixinha começou a tocar.

Balancei furtivamente com o braço, na esperança de fazê-la parar e, longe disso, ela desembestou num frenético *Danúbio azul* que surpreendeu a todos que me rodeavam. Primeiro risinhos esparsos, depois gargalhadas sinceras que teriam me encabulado se eu, com muita presença de espírito, não ficasse também a olhar em volta, como quem procura saber donde vinha a valsinha.

Quando o sinal abriu, pulei na frente do bolo que se formara junto ao meio-fio e foi com alívio que notei, ao

chegar na outra calçada, que a música parara. Felizmente acabara a corda e eu podia entrar sossegado na fila do lotação, sem passar por nenhum vexame.

Mas foi a fila engrossar e a caixinha começou outra vez.

“O jeito é assoviar”, pensei. E tratei de abafar o som com o meu assovio que, modéstia à parte, é até bastante afinado. Mesmo assim, o cavalheiro de óculos que estava à minha frente virou-se para trás com ares de incomodado, olhando-me de alto a baixo com inequívoca expressão de censura. Fiz-me de desentendido e continuei o quanto pude, apesar de não saber a segunda parte do *Danúbio azul* e ser obrigado a inventar uma, sem qualquer esperança de futuros direitos autorais. E já estava com ameaça de câibra no lábio, quando despontou o lotação, no justo momento em que a música parou.

Entrei e fui sentar encolhido num banco onde se encontrava uma mocinha magrinha, porém não de todo desinteressante. Fiquei a fazer mil e um pedidos aos céus para que aquele maldito engenho não começasse outra vez a dar espetáculo. E tudo teria saído bem se, na altura do Flamengo, um camarada do primeiro banco não tocasse a campainha para o carro parar. Com o solavanco da freada, o embrulho sacudiu no meu colo e os acordes iniciais da valsa se fizeram ouvir, para espanto da mocinha não de todo desinteressante. Sorri-lhe o



melhor dos meus sorrisos e ter-lhe-ia mesmo explicado o que se passava se ela, cansada talvez de passados galanteios, não tivesse me interpretado mal. Fez uma cara de desprezo, murmurou um raivoso “engraçadinho” e foi sentar-se no lugar que vagou.

Dali até a esquina de minha rua, fui o mais sonoro dos passageiros de lotação que registra a história da linha “Estrada de Ferro-Leblon”. O *Danúbio azul* foi bisado uma porção de vezes, só parando quando entrei no elevador. Já então sentia-me compensado de tudo. A surpresa que faria à garotinha me alegrava o bastante para esquecer as recentes desventuras.

Entreí em casa triunfante, de embrulho em riste a berrar:

— Adivinhe o que papai trouxe?

Rasguei o papel, tirei o presente e dei corda, enquanto ela, encantada, pulava em torno de mim. Mas até agora, passadas 72 horas, a caixinha ainda não tocou.

Enguiçou.

# O homem ao lado

O homem ao lado estava chorando!  
Sentado, no ônibus, eu era o único passageiro que viajava consciente das suas lágrimas. Ninguém notara o homem que chorava. Iam todos distraídos, em demanda dos seus destinos, uns olhando a paisagem, outros absortos nos seus jornais; num banco adiante, dois senhores graves conversavam em voz baixa.

Ninguém sabia de nada, ninguém suspeitava, porque o seu choro não era o choro nervoso dos que soluçam, nem o choro lamurioso dos que choramingam. As lágrimas caíam devagar, descendo pelo sulco que outras lágrimas fizeram — brilhante — no seu rosto. De vez em quando, fechava os olhos, apertando as pálpebras. Depois, como que tentando reagir ao sofrimento, abria-se novamente, para revelar um olhar ausente, de quem tem o pensamento longe.

O carro seguia o seu caminho, célere, correndo macio sobre o asfalto da praia de Botafogo. O homem olhou o mar, a claridade feriu-lhe a vista. Desviou-a. Acendeu um cigarro e deixou-o esquecido no canto dos lábios, de raro em raro puxando uma tragada.

Ajudar o homem que chorava, perguntar-lhe por quê, distraí-lo. Pensei em puxar conversa e senti-me um intruso. Demonstrando saber que ele chorava, talvez o fizesse parar. Mas como agir, se ele parecia ignorar a todos, não ver ninguém?

Ajudar era difícil, distraí-lo também. Quanto a perguntar-lhe por que chorava, não me pareceu justo. Ou, pelo menos, não me pareceu honesto. Um homem como aquele, que mantinha tanta dignidade, mesmo chorando, devia ser um homem duro, cujas lágrimas são guardadas para o inevitável, para a saturação do sofrimento, como um derradeiro esforço para amenizar a amargura.

Lembrei-me da pergunta que uma pessoa curiosa fez há muito tempo. Queria saber se eu já havia chorado alguma vez. Respondi-lhe que sim, que todo mundo chora, e ela quis saber por quê. Tentando satisfazer a sua curiosidade, descobri que é mais fácil a gente explicar por que chora quando não está chorando.

— Um homem que não chora tem mil razões para chorar — respondi.

O amigo perdido para nunca mais; o que poderia ter sido e que não foi; saudades; mulher, quando merece e, às vezes, até sem merecer; há quem chore por solidariedade.

O homem ao meu lado acende outro cigarro, dá uma longa tragada e joga-o pela janela. Passa a mão no queixo, ajeita os cabelos. Já não chora mais, embora seu rosto másculo revele ainda um sentimento de dor.

Em frente à casa de flores, faz sinal para o ônibus parar. É também o lugar onde devo desembarcar e — mais por curiosidade do que por coincidência — seguimos os dois quase lado a lado. Na calçada, faz meia-volta, caminha uma quadra para trás e entra na mesma casa de flores por onde passáramos há pouco.

Disfarçadamente entro também e finjo-me interessado num buquê de crisântemos que está na vitrina. Sem dar pela minha presença, dirige-se ao florista e pede qualquer coisa que não consegui perceber o que

era. O florista aponta-lhe um grande vaso cheio de rosas e ele, ao vê-las, quase sorri. Depois escreve umas palavras num cartão, entrega-o ao florista, quando este lhe pergunta se não estará lá para ver a coroa. O homem balança a cabeça devagar e, antes de sair, diz:

— Eu já chorei bastante...

E acrescenta:

— ... felizmente!



MODERNA